

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



# ARTIGO

## LOURENÇO DA GUIA FERREIRA MENDES E A VIOLA DE COCHO: UM PATRIMÔNIO, UM OFÍCIO, UMA VIDA

*Lourenço da Guia Ferreira Mendes and the viola de  
cocho: a heritage, a craft, a life*

*Lourenço da Guia Ferreira Mendes y la viola de cocho:  
un patrimonio, una artesanía, una vida*

### **Maria Aparecida da Silva Pardim**

Graduada em História (2003), Especialização em  
Historiografia Brasileira (2007), Mestrado em Educação  
(2016) pela Universidade do Estado de Mato Grosso,  
UNEMAT. Professora substituta do Departamento de  
História, UNEMAT, Campus Cáceres, MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8178-2929>

E-mail: [tida.h@unemat.br](mailto:tida.h@unemat.br)

### **Edson Silva de Lima**

Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em  
História (UNIRIO). Pesquisador do Laboratório de Pesquisas  
em Teoria da História e Interdisciplinaridades –  
LAPETHI/UFRRJ. Professor substituto do Departamento de  
História, UNEMAT, Campus Cáceres, MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7903-434X>

E-mail: [edson\\_hist@yahoo.com.br](mailto:edson_hist@yahoo.com.br)

Como citar este artigo:

LIMA, Edson Silva; SILVA, Maria Aparecida da.  
Lourenço da Guia Ferreira Mendes e a viola de cocho: um  
patrimônio, um ofício, uma vida. **GEOGRAFIA:  
Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**,  
jan./jun. v. 1, n. 5, p. 116–126, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 5 (2024)

ISSN 25959026

## LOURENÇO DA GUIA FERREIRA MENDES E A VIOLA DE COCHO: UM PATRIMÔNIO, UM OFÍCIO, UMA VIDA

*Lourenço da Guia Ferreira Mendes and the viola de cocho: a heritage, a craft, a life*

*Lourenço da Guia Ferreira Mendes y la viola de cocho: un patrimonio, una artesanía, una vida*

### Resumo

Esta pesquisa tem como finalidade estudar o patrimônio cultural de Cáceres, a partir da seleção de personagens “ilustres” que, de alguma maneira, representam e reproduzem artefatos culturais característicos dessa localidade. Nesse sentido, nosso objetivo é colaborar para a visibilidade do trabalho do artesão Lourenço da Guia Ferreira Mendes, para que fique em evidência a importância de manter viva as formas tradicionais de fabricação da viola de cocho. Nos amparamos metodologicamente na história oral. Como resultado, temos a transcrição e a gravação da entrevista com o artesão, que pode compor o arquivo público da cidade de Cáceres, para acesso e divulgação da cultura local.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. História Oral. Divulgação Cultural.

### Abstract

This research aims to study the cultural heritage of Cáceres, based on the selection of “illustrious” characters who, in some way, represent and reproduce cultural artifacts characteristic of this location. In this sense, our objective is to contribute to the visibility of the work of artisan Lourenço da Guia Ferreira Mendes, so that the importance of keeping the traditional ways of manufacturing the viola de cocho alive. We rely methodologically on oral history. As a result, we have the transcription and recording of the interview with the artisan, which can form part of the public archive of the city of Cáceres, for access and dissemination of local culture.

**Keywords:** Cultural Heritage. Oral History. Cultural Disclosure.

### Resumen

Esta investigación pretende estudiar el patrimonio cultural de Cáceres, a partir de la selección de personajes “ilustres” que, de alguna manera, representan y reproducen artefactos culturales propios de esta localidad. En este sentido, nuestro objetivo es contribuir a la visibilización del trabajo del artesano Lourenço da Guia Ferreira Mendes, de modo que se resalta la importancia de mantener vivas las formas tradicionales de fabricación de la viola de cocho. Nos basamos metodológicamente en la historia oral. Como resultado tenemos la transcripción y grabación de la entrevista al artesano, que puede formar parte del archivo público de la ciudad de Cáceres, para el acceso y difusión de la cultura local.

**Palabras clave:** Patrimonio Cultural. Historia oral. Divulgación cultural.

## Introdução

Vivemos em uma cidade histórica, cercada e imersa na/pela sua história. Não é possível caminhar por tanto tempo sem se deparar com alguma arquitetura histórica; o próprio desenho da cidade é histórico. São marcas do passado dispersas no presente que nos convidam a viajar por suas temporalidades, agora, um misto de passados atravessados pelo contemporâneo, pela vida em movimento, pela vida moderna em contingência.

A riqueza histórica de nossa cidade, Cáceres, não se limita, no entanto, ao patrimônio de pedra e cal. Há uma diversidade de histórias que circulam, que impregnam as ruas, que atravessam pessoas, que florescem todos os dias, sejam elas antigas, sejam elas novas. As histórias de vida, as cosmogonias trespassadas por idas e vindas em uma tensão de gerações, de sujeitos, de modos de viver, de circular, de se relacionar com o outro e com a cidade, estão pungentes e latentes em cada pedaço de pedra, em cada diálogo, em cada gesto, em cada odor, em cada sonoridade.

Nossa pesquisa nos permitiu mergulhar nesses mundos outros, escondidos ou apenas reservados na memória de pessoas que caso não sejam questionadas, não sejam convidadas a conversar, a expor suas histórias, a serem ouvidas, elas se perderão sem que tenhamos acesso a tamanha riqueza de história viva.

A história por muito tempo se preocupou em fazer a história de pessoas “importantes”, destaques políticos, sociais e culturais que tivessem alguma relação com as elites locais, com a alta cultura, com os “distintos sociais”, se quisermos parafrasear Bourdieu (1979). De outro modo, influenciados pelos historiadores da escola dos Annales, historiadores ingleses como E.P Thompson, Christopher Hill, Natalie Zemon Davis se dedicaram a escrever a história vista de baixo. Uma escrita da história que teria como fundamental trazer à tona a história dos movimentos sociais e dos de fora (*outsiders*). Essa maneira de escrever história influenciou outras formas de escrita da história, que agora poderiam alçar das temporalidades, personagens que não foram vistos e ouvidos, na conceituação de Michael Pollak (1989), memórias subterrâneas, silenciadas que através da história oral começaram a ingressar no espaço público, se tornaram parte fundamental da história regional.

Na compreensão de Pollak (1989) as memórias estão sempre em disputa, e nessa arena, algumas podem ser silenciadas, apagadas e subalternizadas. O patrimônio também pode servir a um grupo específico, contar a história de uma parte da sociedade, ser instrumento de opressão e exclusão.

Na contramão desse discurso, procuramos compreender o patrimônio cultural como uma forma específica de combate a dominação e a violência simbólica (Bourdieu, 1989). Entendemos, junto a Fátima Maria Alencar Araripe (2004), o patrimônio cultural como um conjunto de tudo o que encontramos na formação cultural: as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, também, as tradições culinárias. Estas formações culturais nos ajudam a extrapolar as marcas de dominação para ouvirmos e contarmos outras histórias.

Em vista do que acabamos de expor brevemente, a partir de critérios definidos em coletivo, selecionamos a história do senhor Lourenço da Guia Ferreira Mendes, um artesão e músico da cidade, conhecido por produzir violas de cocho de modo tradicional, “rústico” como ele gosta de dizer. Traremos alguns trechos de nossa entrevista com o senhor Lourenço para, primeiro, permitir que o leitor adentre essa atmosfera de acolhimento, amizade e interlocução e, segundo, para que possamos fazer alguns adendos referentes às temáticas levantadas nesse cruzamento entre história de vida, história dos usos da viola de cocho e o mundo contemporâneo.

Residente na cidade de Cáceres há pelo menos 45 anos, o senhor Lourenço nos falou um pouco sobre sua jornada. Um senhor muito comunicativo, que se expressa com certa fluência e cuidado, ao que parece tem plena consciência da escolha de suas palavras e está ciente das mudanças do mundo contemporâneo, que não o assustam; pelo contrário, parecem enchê-lo de vigor e curiosidade. Nosso encontro aconteceu no dia cinco de junho de 2023 em sua residência às quatorze horas.

O senhor Lourenço nasceu em 10 de agosto de 1938, na região do Taquaral, área rural do município de Cáceres que agrega várias comunidades tradicionais, “cacerense, índio nato daqui”, como ele se define. Pedimos para que ele relatasse um pouco de sua infância, que resgatasse em sua memória aquilo que lhe permitisse zarpar de 2023 para aquele momento em que começava ver o mundo com suas primeiras impressões, isto é, lembranças de seus pais, de sua vida rural campesina. Enfatizamos que não interrompemos o entrevistado em nenhum momento, pois era seu fluxo de consciência importante para que, junto com ele, experimentássemos a sua história como se fosse nossa; nos acompanhe, agora, nessa história de vida: Nesta transcrição, privilegiamos a linguagem coloquial para registrar a dinâmica e a fluidez da “conversa” em coletivo e resgatar a oralidade como forma de acesso à trajetória individual e coletiva.

## 1. O senhor poderia falar um pouco sobre sua vida?

**Entrevistado** – Taquará, sou crioulo taquara, conhece? Taquará é a 24km, lá que me nasci e criei. Lá nasci e criei, nos era lavrador, meu pai era lavrador. nasci e criei trabalhando na roça, né. Depois em 1977 para 1978 eu vim embora para cidade. Até então povo tinha dificuldade de escola, minhas meninas e meninos estavam ficando tudo grande e eu não conseguia escola. como a situação minha, sempre foi monetariamente, pobre. vivendo só do suor do rosto. achei por bem a gente vir embora, trazer minhas crianças para não virar analfabeto de uma vez, lá na enxada, né. A visão do mundo já não é mais como naquele tempo. até então porque os pais, não é por não querer, mas era difícil encontrar professor. o que que acontecia. as pessoas iam para roça, ia trabalhar, ia viver, aquela vida de roça. não dizer que a roça não é um serviço abençoado por Deus. porque é um braço que dá de comer para muitas pessoas. enche barriga de muita gente.

Seu Lourenço foi pai de nove filhos, no entanto, foi filho, homem, único. Embora tivesse uma irmã, a responsabilidade do cuidado com a família veio logo cedo. Uma responsabilidade que não trouxe, ao que parece qualquer ressentimento, por abrir mão das oportunidades de poder estudar para cuidar de seus pais e viver de forma tão humilde. Vamos ouvi-lo com muita atenção:

## 2. Como o senhor enfrentou as dificuldades da vida e como era sua relação com a sua família?

**Entrevistado** – Aqui eu desde balaio de banana, balaio de verdura eu carreguei na cabeça. estudo eu não tenho. eu estudei o terceiro ano só. servi em 1958 e em 1959 dei baixa, por causa do meu pai. eu queria estudar e o professor da época queria me ajudar. ele dizia: Mendes, eu sou professor da Esa [escola de militares] quero ajudar você. tinha uma chance muito boa de estudar. mas como meu pai, eu, filho único, né, ele chorou e disse que eu era o único filho que ele tem. que eu fazia falta e ele ficou sem direção. aí fiquei com dó dele, saudade. mas tudo bem. como eu já estava, já tinha noção da lavoura, para mim não era dificuldade trabalhar. lua, mês, colheita, tudo né. então, comecei criar minha família na roça. mas era muito difícil. sem estudo para procurar emprego. não se é por natureza, por maturidade, eu criei naquele ambiente, eu me sentia autônomo e eu me virava, não gostava de receber ordem. a pessoa vinha aqui, vc pode limpar um quintal. eu ia. trabalhei para fazenda. eu criei meus filhos na pobreza. e hoje tenho orgulho de dizer que to assentado no meu lugar. venci essa batalha. meus filhos estudaram, são todos formados. na época ainda era difícil. mas todos eles têm o seu trabalho, todos tem sua casa para morar, graças a Deus, uns tem seu emprego. meus netos. tenho uma filha professora já aposentada. então me sinto bem. uns tem moto, um carrinho para andar, graças a Deus. tenho neto e neta formada. um é formada ou já formou doutorado. enfermeira, tenho uma filha enfermeira. Muito capacitada profissionalmente. Hoje a visão melhor que nos tempo hoje é o estudo. temos que ir a frente. a tecnologia tem andado. a tecnologia que ta mandando. não mais aquele tempo em que a mulher trabalhadeira, que

ia pra roça, ia ajudar papai, ia ajudar marido, fiar algodão, fazer crochê. isso acabou. socar arroz no pilão. não existe mais. o modernismo. o tempo é determinado por Deus e tivemos essa transformação no mundo. não é só no brasil é no mundo acredito.

Hoje a visão do é formar, para ser alguma coisa. vamos abraçar hoje o futuro. dá uma foice para um menino, não aguenta. eu falo para meu neto. é a natureza. diferente de mim que desde 8 anos, nasci no trampo. É assim, eu fazia arte, né, mas era criança, mas eu aprendi um pouquinho de tudo. da luta abraçar, eu aprendi. aprendi a domar cavalo, aprendi a amansar boi de cangaia, fazer bruaca, sela. trazia mantimento, banana, farinha na cangaia, não tinha estrada, era trilheiro. era assim que vivia o povo. e não era tão difícil porque todo mundo andava de pé no chão, não tinha carro ou bicicleta. ai com o tempo passou carro de boi, carroça e agora é tudo motorizado, ninguém anda mais a cavalo, agora pelo menos uma bicicleta povo tem. isso é a tecnologia. naquele tempo homem carregava carga na cacunda e vinha cidade fazer compra, ia pra casa com o que comprava. comprava remédio, guaraná, não comprava arroz e feijão, isso plantava. quem morava na murraria. quem morava na beira do rio, tinha o rio para andar. na ponta do cais ficava assim de tropeiro, marinheiro comprava de tudo, era milho, arroz, farinha, bananinha, fica assim, aproveitava né.

Há, nesta narrativa do senhor Lourenço, uma descontinuidade temporal interessante que nos ajuda a perceber as escolhas que a memória faz quando queremos narrar a si, isto é, quando estamos prontos a selecionar aquilo em que nos apegamos afetivamente, os momentos que não exigem linearidade, porque a vida não dispõe de um escalonamento de acontecimentos, ela acontece na contingência, nas franjas de seus movimentos. Essa fala indica também uma mudança da consciência social e política em sujeitos que se encontram vulneráveis socialmente, a educação, as mudanças no mundo social e cultural impactaram seus modos de vida, a maneira como se relacionam com a sociedade. O relato apresenta um sujeito autônomo, intenso, responsável por si e por outros, estes outros relativo à família e familiares, mas também aos outros indivíduos que os cercam.

### **3. Como aprendeu a tocar e fabricar a viola de cocho?**

**Entrevistado** – Lá no sítio mesmo. eu era menino. meu pai tinha viola. desde guri eu não tocava viola. eu aprendi porque era tradicional todo mundo e na casa de qualquer um tinha uma violinha. era o símbolo cultural de mato grosso. nos sítios sempre tinha três, quatro, cinco viola. então aprendi com meu tio, era bem guri, ficava mês na casa de meu avô, pai da minha mãe. tenho recordação muito longe de um tio também, que morreu novo muito jovem. acredito que a violinha que eu tocava, ainda era desse tio meu, ele disse que era muito bom pra cantar, meu padrinho que era casado com a irmã da minha mãe, falava que ele era muito bom para cantar. então desde guri eu tocava, com 10 anos eu afinava e tocava. com 17 anos eu fiz uma viola. eu e mais outro cururueiro. um irmão de criação foi embora e deixou a viola,

não lembro como surgiu. com 13 anos os cururueiros velhos não deixavam os novos entrarem na roda de cururu, só se fosse chamado, um irmão da minha mãe me chamou: vem aqui menino, vem me ajudar a cantar. e eu era bom pra cantar, cantei, eu era garboso no meio dos velhos né. e fiquei assim familiarizado com o povo e com os velhos, todo mundo gostava de cantar junto comigo. e com 17 anos eu fiz uma viola com um cururuiero. com cinco anos de namoro me casei. e quando eu ia nas festas eles me pediam para cantar. então não faltava viola para mim. meu cunhado casado com minha irmã, tinha falecido, ele era bom para cantar e desde guri cantávamos juntos, viola para mim não era difícil né. ele tocava viola e eu tocava ganzá. em 1993, um dia nos tínhamos formado um grupo de dança de cururu e ciriri, a professora disse para mim: você não sabe de ninguém que faz viola. tem alguém que faz? e meu primo disse: você sabe fazer viola. e ela disse: ah seu Lourenço ta me enganando. e eu falei, não. e eu falei vou fazer uma viola. fiz viola, gamela, ganzá e canoinha, bem bonitinha a mão sem ferro, mas fiz. levei pra ela. ela disse: sr. Lourenço tava me enganando. eu não. não sei enganar. só provo depois de pronto. não faço para ninguém dizer que não gostou do meu trabalho. e aí continuei fazendo. comecei a aperfeiçoar meu trabalho. viola de coxo é um instrumento rústico. não pode ser muito industrializado se não perder a essência, no meu entender, né. passo seladora se a pessoa pede. mas prefiro ela rustica com a marca da madeira. é um instrumento registrado, tombado, consagrado como símbolo de mato grosso. eu não quero modificar. o violão não vai entender nunca a origem do instrumento. mas a viola de coxo a gente sabe, porque poucas pessoas em poucos lugares fazem né. mas se ele industrializou ela, já saiu do que é patrimônio. ela já fica um pouco diferenciada. mas não é que isso é ela vai deixar de perder a natureza dela, ela tem mais 250 anos.

A história da viola de cocho, sob os olhos do senhor Lourenço tem vitalidade, tem vida, tem marcas de sua infância, de uma vida que é entrelaçada entre a vida campestre pantaneira e a cultura local, as festas típicas, os ritmos tradicionais. A viola, como definida pelo senhor Lourenço, instrumento rústico, está desaparecendo por falta de artesãos jovens que se dediquem a sua feitura e manuseio. Se por um lado seu diagnóstico tem fundamento em sua experiência particular, por outro, ele não deixa de lado que a viola sofreu modernizações, se tornou industrializada. Por se tratar de um instrumento símbolo de Mato Grosso, tombado como patrimônio cultural nacional, registrado no livro dos saberes do patrimônio imaterial brasileiro em dezembro de 2004, a viola de cocho tem uma história oficial: Segundo o Especial 300 anos, Cuiabá de A à Z, Viola de Cocho da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso a “viola-de-cocho é de origem portuguesa, mas adquiriu feições pantaneiras com o uso da madeira regional, com as cordas e no jeito de tocar, sendo hoje um verdadeiro símbolo da cultura mato-grossense e sul-mato-grossense. Encontrada na região do Pantanal, deu vida aos ritmos pantaneiros: o cururu e o siriri, que são usados nas celebrações populares, fazendo a alegria das

festas. Acompanhada pelo ganzá e o tamboril ou mocho, é indispensável nas rodas de cururu e siriri, em homenagem aos santos católicos ou em ocasiões de simples divertimento” (Mato Grosso, 2019).

Fica claro, que a memória oficial e a memória individual e coletiva, atravessaram o senhor Lourenço de diferentes formas. Ele entendeu que o instrumento típico tradicional é um patrimônio cultural, mas sua percepção está vinculada a localidade, a regionalidade, ao uso do instrumento e não a sua origem. Ao que parece, a origem da viola de cocho está atrelada ao modo de apropriação regional, pantaneira, a uma musicalidade particular nos círculos de cururu e ciriri, tão fechados na época do senhor Lourenço. Fechados porque, ao que parece, carregavam uma atmosfera de sagrado, de respeito e de sabedoria popular que deveria ser preservado e apreciado. A relação do senhor Lourenço com a viola de cocho não é meramente histórica, no sentido de uma temporalidade determinada e marcada por uma retórica oficial, mas uma relação emotiva, afetiva, familiar. A história nesse sentido, se confunde com a história pessoal, com a inscrição de si no mundo, potencializando os processos de subjetivação; aquilo que Michel Foucault (1997), filósofo francês, chamou de processos através dos quais nos tornamos sujeitos.

#### **4. E como é o processo de fabricação de suas violas de cocho?**

**Entrevistado** – Dependendo né. por exemplo eu faço viola de vários tipos, do jeito que eu quero. se eu quiser fazer mornando-a, eu faço. mas tem outros que padronizam né. eu conheço viola. acabou. os que fazem não tem mais. eu cacei para gente enriquecer esse patrimônio juntos e a juventude não quer aprender. ninguém quer aprender, já dei várias aulas aqui. não é só fazer uma viola só. tem que insistir, perseverar, para conseguir aperfeiçoar, para conhecer a matéria melhor, o produto, deve aprender porque isso aqui mais adiante vai ter um grande valor. então, por exemplo tá tendo essa dificuldade. aí eu digo assim, por quê? Porque o convívio dos jovens hoje ele já é outro convívio, já não mais aquele cultural do povo de antes. os meninos viviam ali, cantando, dançando, tocando, e aqueles que tinham vocação e talento iam aprendendo. tenho primos que não aprenderam. depende de vocação e boa vontade, acredito eu. e para fazer viola também. eu tenho primo que é artesão e não consegue fazer uma viola. eu digo é simples: é só conhecer a linha da madeira, ela não pode ser curvada, lateral mordada, reto porque se ficar torto, qualquer um milímetro fora ela vai arrastar e não vai ter som da viola, ela perde o som. e saber cavar. saber a grossura da taba para ela soltar o som. para ter uma força sonora vivo. parece simples, mas é tão simples assim também. na simplicidade há uma tecnologia.

O saber-fazer e o saber-sentir, estão presentes todo tempo no testemunho do senhor Lourenço. Não daremos cabo de toda entrevista, não é nossa intenção. Foram horas de conversa muito ricas em história, em vida, em cultura, em amizade. A fusão de horizontes, se quisermos trazer Hans-Georg Gadamer (2005), para conversa, foi estabelecido não como tensão, mas

como troca, como espaço de escuta, de deixar-se mergulhar em uma oralidade que afeta a nossa percepção de tantas formas, que é difícil, inclusive, expressar em palavras. O limite da linguagem escrita está aí, em poder dizer tudo que é do âmbito da experiência afetiva.

Ao fim e ao cabo, a conversa (entrevista) com o senhor Lourenço nos mostra essa preocupação em manter viva a cultura mato-grossense, a cultura regional e local, através da feitura da viola de cocho, de seus sons, de sua simplicidade, da necessidade ímpar de torná-la, novamente, popular. O Popular aqui tem duas dimensões: a primeira, própria de uma cultura coletiva de uma determinada territorialidade e a segunda, conhecida e estimada por todos que carregam a herança regional e, alguma forma, de espírito nacional.

### **Caminhos metodológicos**

Nossa pesquisa foi desenvolvida como é possível perceber, a partir do que foi dito até aqui, de momentos de escuta, diálogo e encontro com o artesão e tocador de viola de cocho, senhor Lourenço da Guia Ferreira Mendes. O encontro contou com a presença dos bolsistas e dos docentes do projeto. Nesse momento de troca e conversa, sentamos uma tarde com o senhor Lourenço e, a partir de um roteiro previamente delimitado, fizemos questões: uma mais direcionadas, outras mais livres.

Optamos pelo ato da escuta sem interromper o senhor Lourenço para que ele ficasse livre em relatar os fatos que sua memória pudesse nos trazer sem se preocupar com cronologia, referências políticas ou mesmo relacionando a história da cidade. Esses elementos atravessam sua história de vida e sua história como artesão, eles estão enlaçados em sua narrativa, são imiscuídos aos papéis sociais que desempenham (Goffman, 1956).

**Figura 1** – Sr. Lourenço, membros de sua família e os pesquisadores



### Considerações finais

A pesquisadora Verena Alberti (2021) disse que a história oral e a tradição oral, embora não sejam sinônimos, se aproximam, e temos que tomar todo cuidado metodológico para não as confundir. Em nossa pesquisa, nos deparamos com esse risco, e escolhemos privilegiar a história de vida, através da oralidade e sua relação com o patrimônio cultural.

A fonte oral decorrente desta pesquisa, que aparece em nosso texto como um atravessamento entre análise de fonte e exercício de escuta, nos desafiou a caminhar entre a ciência e a experiência afetiva. A filósofa Martha Nussbaum (2012) tem discutido a temática das emoções como esse elemento de atravessamento, que é importante instrumento para formação democrática dos sujeitos.

Nossa pesquisa, portanto, deve ser vista como um exercício científico e afetivo, isto é, embora estejamos sob a égide de uma escrita acadêmica, não nos desviamos de compreender que as humanidades são uma ciência diferenciada por ter nas pessoas e nos seus movimentos, nas suas cotidianidades, na sua vida o elemento fundamental de compreensão do mundo histórico e historiográfico. Nos interessou, dessa forma, cruzar patrimônio cultural, história oral, tradição oral e afetividade.

### Referências

- ALBERTI, V. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2021. DOI: 10.51880/ho.v8i1.113. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, v. 16, p. 111-122, 2004.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO. Especial 300 anos: Cuiabá de A à Z – Viola de Cocho. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do collège de France: (1970-1982)**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1997.
- GADAMER, H-G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Trad. Flávio P. Meurer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2011. p. 231-231.

NUSSBAUM, Martha. **Paisajes del pensamiento**: la inteligencia de las emociones. Tradução de Araceli Maira. Barcelona: Paidós, 2012. p.38.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista de estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Recebido: 14/11/2023

Aprovado: 20/02/2024

Publicado: 28/04/2024